



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6531 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

O Pensamento Histórico de alunos do Ensino Fundamental II acerca da Escravidão Africana no Brasil

Leidiane Alves Sousa de Jesus - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Maria Cristina Dantas Pina - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA  
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

## **O Pensamento histórico de alunos do ensino fundamental II acerca da escravidão africana no Brasil**

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento a ser desenvolvida com alunos do 9<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental II com objetivo de analisar o seu pensamento histórico acerca da escravidão africana no Brasil. Com base na compreensão desse pensamento histórico mensuramos ser possível ter informações de quais os significados dado a este processo histórico por esses estudantes e as relações que estabelecem com seu contexto atual principalmente no que se refere ao racismo.

**Palavras Chaves** – Aprendizagem histórica, pensamento histórico e Escravidão.

### **1 – INTRODUÇÃO**

O presente texto apresenta uma pesquisa em andamento cujo objetivo é analisar como os alunos do 9<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental II compreendem a escravidão africana no Brasil e suas relações com o atual contexto da sociedade brasileira.

O ensino de História tem fundamental relevância na vida dos estudantes podendo contribuir de forma significativa para sua atuação na compreensão de questões políticas, econômicas e sociais. Sendo assim as discussões realizadas acerca de sua aprendizagem tem evidenciado a necessidade de refletir sobre o ensino apontando que sua realização não se pautar na simples acumulação de fatos históricos conhecidos linearmente e sem relação com a vida prática dos alunos, mas que se realize de maneira a desenvolver suas subjetividades e ser inseparável de uma preocupação política e ética de posicionar-se diante às questões postas

pela sociedade.

Essas concepções iniciais apresentadas aqui acerca do aprendizado histórico aliam-se na pesquisa com a importância da abordagem do tema da escravidão africana nas aulas de história. O Brasil vive uma espécie de amnésia nacional sobre a escravidão e como consequência deste processo o que se observa é uma abordagem deste tema vinculando-o apenas ao passado unificando o processo escravista e principalmente inserindo nas gerações posteriores a concepção de que a escravidão no Brasil era um processo legal e, portanto, natural da sociedade em que ela se processou.

Considerando esses aspectos fundamentais é que a temática está delimitada a partir da seguinte problemática: Qual o pensamento histórico acerca da Escravidão africana no Brasil construído por alunos do 9<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental e quais relações que estabelecem entre este tema e o contexto atual da sociedade brasileira?

Em complemento a essa questão central levantamos alguns questionamentos: o que os alunos sabem sobre a escravidão africana no Brasil? Quais os significados os alunos atribuem ao conhecimento da temática da escravidão africana no Brasil? Quais significados atribuem? Os alunos desenvolvem empatia histórica com os sujeitos que envolvem essa temática? Quais relações eles fazem com a sociedade brasileira atual, particularmente com o problema do racismo

## **2- DESENVOLVIMENTO**

### **Educação Histórica, aprendizagem e Consciência histórica.**

A pesquisa localiza-se no campo do Ensino de História, particularmente dialoga com as discussões acerca da aprendizagem histórica e do conceito substantivo escravidão. Os Estudos que tratam desses dois aspectos fazem parte do campo de investigação – Educação Histórica – que ultimamente têm apresentado uma vasta e relevante literatura, que busca uma análise da aprendizagem histórica vinculada ao processo de cognição em história.

As formulações acerca da Educação histórica foram primeiramente desenvolvidas em países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá e, mas posteriormente em Portugal e no Brasil onde os pressupostos teóricos deste campo de investigação são consideravelmente abarcados em trabalhos de pesquisas de diversos autores. Neste sentido, os debates que fomentam essas pesquisas são indicativos de preocupações referentes ao ensino de história e trazem como ideias centrais os conceitos de consciência histórica e literacia histórica que de modo geral se circunscreve na perspectiva de pensar em uma cognição própria para aprendizagem histórica.

Nessa perspectiva, os debates realizados a partir da concepção dos temas mencionados anteriormente tem contribuído de forma significativa para um olhar mais crítico com relação à aprendizagem histórica, uma vez que considera a ideia de que aprendizagem histórica

ocorre de forma mais dinâmica reconhecendo a atividade mental envolvida nesse processo em que as relações do passado, presente e futuro são dinamizadas, desconstruindo a ideia ainda recorrente de que seu ensino reconhecendo a atividade mental envolvida nesse processo em que as relações do passado, presente e futuro são dinamizadas, desconstruindo a ideia ainda recorrente de que seu ensino recorrente dá-se por meio da memorização uma história apresentada de forma linear e factual.

Um das principais contribuições são do autor Peter Lee que, em seus trabalhos, propõe refletir acerca da aprendizagem histórica, defendendo a ideia de que o aprendizado histórico não pode ser visto como acúmulo de um emaranhado de fatos históricos que não se interligam a vida prática dos alunos. A perspectiva apresentada por Lee com base na ideia de consciência histórica de Rüsen é demonstrativa de que os caminhos a se pensar no aprendizado histórico relacionam-se, principalmente em refletir sobre os próprios sujeitos envolvidos neste processo.

Isso significa dizer que a compreensão do pensamento histórico dos alunos não ocorre do nada, ao contrário vincula-se a todos esses pontos elencados até aqui. A aprendizagem histórica, portanto, tem a ver com um processo que é complexo e envolve “um senso da nossa própria identidade” (LEE, 2006, p.135). Nesse sentido que precisa caminhar o ensino de história, numa visão a considerar o seu valor para vida prática, que só é possível quando os estudantes estabelecem a relação temporal entre passado, presente e futuro em que as ideias relacionadas a essas temporalidades não funcione como um julgamento pautado na ideia de progresso e retrocesso.

### **Escravidão Africana no Brasil**

Essa base teórica esboçada sobre as ideias dos alunos acerca da História dialoga com a discussão sobre a escravidão africana no Brasil. A historiografia que trata da escravidão tem apresentado uma série de renovações significativas, que contribuem para exploração de novas formas de análises acerca deste tema. Desse modo, pesquisas estão sendo desenvolvidas sobre a escravidão negra na América portuguesa, em que a lógica da subordinação ao senhor e da passividade do escravo tem sido constantemente postas em debate.

A concepção do escravizado como sujeito histórico perpassa por uma série de abordagens nas quais nem sempre o papel ativo atualmente reconhecido nas ações dos escravizados durante a vigência da escravidão foi reconhecido e que, certamente, o desvelamento do passado escravista visto a partir do olhar da negociação, dos conflitos e da resistência é fruto também da inserção de perspectivas teóricas e metodológicas que buscaram com base em novas fontes compreender o sistema escravista a partir de um aspecto que é fundamental “sua historicidade como sistema construído por agentes sociais, múltiplos, entre eles senhores e escravos” (FONTELLA E FARINATTI, 2008, p.134).

A concepção de escravidão que toma como referência o papel ativo do escravo considerando sua historicidade é, portanto, abordagem na qual a pesquisa pretende dialogar,

ou seja, parte-se da ideia que o tipo de escravidão na qual foi formulada em nossa sociedade apresentou em suas estruturas não pode ser explicada desconsiderando atuação dos indivíduos escravizados. O termo escravizado é utilizado neste trabalho como uma forma de considerar que as condições de “escravos” foram-lhes dada no contexto da escravidão logo, não era algo que lhes acompanhavam naturalmente considerando certamente as suas trajetórias individuais nas quais estavam inseridos antes da migração forçada através do tráfico transatlântico.

Portanto, a pesquisa compreende as relações escravistas a partir de uma concepção que considere o papel ativo desenvolvido pelos escravizados. Por outro lado, é necessário ressaltar que essas considerações não inserem a escravidão como um processo brando, ao contrário, por considerar tanto a diversidade cultural e étnica vivenciada antes do cativo e das relações estabelecidas aqui é que se compreende que a escravidão impactou as formas de vida de diversos homens e mulheres em que o trabalho forçado e degradante, as redes de poder que os envolviam e uso da violência, são fatores fundamentais na compreensão mais aprofundada deste processo, uma vez que o debate dessas questões, principalmente em sala de aula, podem contribuir para desconstruir preconceitos que servem como entrave para questões também atuais, como por exemplo o racismo.

A discussão acerca do racismo e sua relação com a estrutura escravista em nossa sociedade é fundamental no debate. De acordo com Silvio Almeida (2019) o racismo não pode ser compreendido somente em seus termos comportamentais ou institucionais, uma vez que sua manifestação nessas duas esferas reflete seus aspectos estruturais que, só podem ser compreendidos a partir da análise das experiências históricas das formações sociais, ou seja, os aspectos históricos e principalmente considerarmos o passado escravista e fundamental para abordagem deste tema em sala de aula.

O ensino da escravidão em sala de aula e, especificamente nas aulas de história, envolve um compromisso ético e político no dizer de Pereira, sendo que para alcançar este objetivo se faz necessárias duas escolhas que perpassam pela ética no que concerne “aos efeitos esperados do ensino de história” e pela estética que “diz respeito às formas de exprimir esses passados sensíveis e traumáticos” (PEREIRA, 2017, p.2).

A análise do autor aponta que ao considerar a narrativa histórica como um processo fundamental, tanto na escrita como para o ensino de história, o que se pode notar é que se tem feito uma opção, por influência de uma concepção de história herdada do século XIX, de um ensino pautado numa visão do passado que não considera a importância desses dois aspectos – ético e estético- para aprendizagem histórica, tornando algo não problematizado e relacionado com as questões do presente.

Outro aspecto abordado por Pereira ao tratar dos temas sensíveis e traumáticos da história refere-se ao que o mesmo denomina de “dever de memória”, ou seja, a abordagem desse passado sensível e traumático que comumente é invisibilizado, quando evidenciado tanto em pesquisas como no ensino contribuiu para afirmar a relevância dos diversos grupos

que constituem a nossa sociedade sendo, portanto “ a noção de dever de memória” se torna conceito teórico adequado para pensar, por exemplo, o passado traumático da escravidão no Brasil e as permanências sensíveis que fizeram ficar pouco visíveis a história dos negros, seus elementos afirmativos, suas práticas culturais, suas lutas e conquistas políticas e indenitárias, suas religiosidades” (PEREIRA, 2017, p.5).

Nessa lógica, uma aula de história pressupõe muito mais do que memorizar linearmente acontecimentos ocorridos no passado, ao contrário, o ensino de história tem um caráter político e ético que deve ser considerado pelo professor ao fazer suas escolhas de conteúdos, problematizações e recortes num sentido a considerar a importância ética, muitas vezes menosprezada em discussões em sala de aula, como por exemplo, o tema da escravidão que é evidentemente indispensável para discussões atuais, no entanto o que se nota apesar das modificações é a persistência de uma abordagem tradicional da temática que não se relaciona com vida prática dos alunos.

### **3- RESULTADOS DA PESQUISA**

A pesquisa em andamento busca alcançar resultados que nos permita identificar se os alunos conseguem estruturar cognitivamente o seu pensamento histórico sobre a escravidão de modo a considerá-la um processo que envolveu a ação de diversos atores sociais com visões de mundo, perspectivas e vivências distintas que foram em certa medida impactadas pelo sistema escravista e as diversas formas de violência, o que torna o acesso a este passado da nossa História como sendo difícil de ser tratado, entretanto indispensável quanto à necessidade de compreender as questões tanto presente como também de perspectiva de futuro.

### **4-ABORDAGEM METODOLÓGICA**

A presente pesquisa utilizará como caminho metodológico a análise qualitativa. Sua escolha justifica-se pela natureza deste trabalho que busca compreender, dentro de uma questão geral, algumas especificidades da aprendizagem histórica e do pensamento histórico dos alunos e este fato certamente perpassa por compreender as relações de uma forma mais dinâmica e interativa entre os indivíduos.

A pesquisa será realizada numa escola da rede pública do município de Poções, com alunos do 9º ano. As escolas do município recebem alunos geralmente crianças, adolescentes e jovens que residem em bairros próximos a essas escolas, portanto apresentando no espaço escolar indivíduos com realidades sociais, culturais e econômicas parecidas em determinados aspectos e específicas em outros. A escolha pela turma do 9ª ano justifica-se por entender que nessa etapa da escolarização, último ano do ensino Fundamental, os alunos já trabalharam o tema Escravidão, sendo, portanto, possível dimensionar e analisar, com base na proposta das atividades que deverão ser realizadas em sala de aula, o pensamento histórico construído pelos estudantes a respeito do tema em questão.

Sendo assim, a partir de um processo interativo e dialógico pretende-se colher as narrativas desses alunos sobre suas ideias acerca do tema da escravidão. Para isso, inicialmente pretendemos utilizar atividades elaboradas e aplicadas a partir da proposta de aula oficina para daí analisar as narrativas desses sujeitos e compreender seu pensamento

histórico.

## **5-CONCLUSÕES**

Este texto buscou apresentar algumas das principais abordagens sobre as quais a pesquisa em andamento pretende dialogar com intuito de investigar o pensamento histórico dos alunos do 9<sup>a</sup> ano do Ensino fundamental II acerca da escravidão africana no Brasil. Evidencia, ainda, que estamos trabalhando com os conceitos de consciência histórica e aprendizagem histórica e nas abordagens sobre acerca da escravidão que evidencia a sua dinâmica e participação ativa dos escravizados nos diversos espaços da sociedade. Esse caminho teórico poderá contribuir para nossa análise acerca do pensamento histórico construído pelos alunos, os significados atribuídos e as relações estabelecidas entre temática e o contexto atual.

## **6 – REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Silvio Luiz de: Racismo Estrutural- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

FONTANELLA, Leandro, FARINATTI, Luís. Acomodação, Negação e Adaptação: Debate historiográfico entre Gilberto Freyre, Jacob Gorender e a Historiografia do Escravo Real. (Historiografia da Escravidão no Brasil). Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas, S.Maria, V.9, n.1, p. 121-140, 2008.

LEE, Peter: Em direção ao um conceito de Literacia histórica. Educar em Revista. Especial Dossiê: Educação Histórica. Curitiba, Editora UFPR, p. 131-150, 2006.

PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História, Dever de memória e os temas sensíveis. Educação, Linguagem e Memória, 2017.